

A SITUAÇÃO ATUAL DA PSICANÁLISE*

Otto F. Kernberg**, New York

Aqui é apresentada uma visão ampla dos desafios e controvérsias atuais sobre a psicanálise como uma ciência, teorias psicanalíticas concorrentes, tendências convergentes e divergentes na técnica psicanalítica, educação psicanalítica, psicanálise como profissão. Entre outras questões sublinhadas estão a importância da relação entre a psicanálise e a Universidade, as implicações de pesquisa de orientações teóricas e técnicas concorrentes, a necessidade de reexaminar a estrutura da educação psicanalítica, e a importância da fertilização cruzada internacional na expansão da aplicação da psicanálise a outros campos.

Nos últimos três anos, em uma série intitulada "O futuro da psicanálise", foram publicados em *Psychoanalytic Quarterly*, nove trabalhos de importantes psicanalistas nos Estados Unidos(1). Apesar destes trabalhos mostrarem diferenças significativas em suas abordagens e conclusões, todos eles apontam para alguns problemas sérios e aparentemente crescentes em nosso campo. Ao mesmo tempo, fornecem uma ilustração viva do sentimento de crise experimentado, atualmente, pela comunidade psicanalítica deste país.

Em primeiro lugar, observa-se a diminuição do número dos graduados em medicina que entram em nossa profissão, uma estatística ligada à diminuição do interesse e do prestígio da formação psicanalítica nos departamentos de psiquiatria, e o crescimento da abordagem biológica em relação às abordagens psicodinâmicas.

Em segundo lugar, está a frieza, senão hostilidade, para com nosso campo por parte de um grande número de chefes de departamento de psiquiatria e dos responsáveis universitários que se submeteram, eles mesmos, à formação psicanalítica e decepcionaram-se com a psicanálise organizada e com o que percebiam como sua falta de interesse pela pesquisa empírica.

Nestes trabalhos, está expressa uma preocupação generalizada com relação ao crescente número de psicoterapeutas praticantes que ameaça diminuir o número de pacientes que poderiam ser encaminhados aos psicanalistas. Ligada a esta preocupação, está a diminuição da cobertura do seguro para o tratamento psicanalítico, e a conseqüente redução do número de pacientes que podem sustentá-lo.

Um outro motivo de preocupação se refere à desmedicalização da psicanálise, resultado da diminuição dos candidatos médicos e da abertura da psicanálise para analistas leigos, especialmente psicólogos. Junto à perda do papel protetor que a psiquiatria organizada teve em relação à psicanálise no passado, teme-se que haverá uma diminuição ainda maior de prestígio e do "terceiro pagante" no tratamento psicanalítico.

O desenvolvimento dos métodos biológicos de tratamento para as psicoses, depressão, e, em alguma medida, para os distúrbios fóbicos e os obsessivo-compulsivos, também é visto como um importante redutor do campo de intervenção psicanalítico.

Finalmente, estes trabalhos expressam a preocupação em torno da existência de uma atmosfera de ceticismo em relação à psicanálise enquanto um método de tratamento, e antagonismo para com o fato de ela ser elitista.

Um ponto não mencionado nos trabalhos do *Quarterly*, mas no qual há uma concordância geral, tem a ver com a classificação dos distúrbios mentais em DSM III, DSM III-R, e (provavelmente) DSM IV. Os psicanalistas são unânimes na sua objeção à rejeição pela psiquiatria da perspectiva psicanalítica em sua classificação. A eliminação das neuroses sintomáticas e da terminologia que se refere à psicanálise, a abordagem mais descritiva que psicodinâmica, ilustram claramente um ponto de vista anti-analítico. Os psicanalistas encaram isto como uma revelação do afastamento, da rejeição, e até mesmo da hostilidade para com a psicanálise por parte da psiquiatria americana.

Talvez fosse justo dizer que os colaboradores desta série de trabalhos concordariam plenamente que estas tendências são negativas e ameaçadoras.

Outros desenvolvimentos atuais que afetam a psicanálise não foram encarados da mesma maneira por todos os colaboradores da coletânea do *Quarterly*. Aproveitando o cenário fornecido por estes elementos gerais, apresento meu próprio ponto de vista sobre a condição atual de nossa profissão.

Uma reavaliação A psicanálise como uma ciência

Gostaria de começar afirmando minha profunda convicção de que a psicanálise, como uma teoria do funcionamento psíquico, contém um poder explicativo sem paralelo para a psicopatologia em geral e, em particular, para a ligação entre as determinantes biológicas, psicológicas, sociais e culturais do comportamento humano. A psicanálise aumenta, por exemplo, a compreensão do desenvolvimento primeiro da criança, da teoria do feto e da neuropsicologia da memória em suas fronteiras com as ciências biológicas; a compreensão das relações amorosas, dos conflitos conjugais, da repressão nos grupos e da moral organizacional em suas fronteiras com as ciências sociais; a compreensão da mitologia, psicologia de massa, ideologia e estética em suas fronteiras com o meio cultural.

No campo do tratamento psicanalítico, aumentamos nossa compreensão e as possibilidades de tratamento da patologia do caráter, distúrbios graves da personalidade, do narcisismo patológico, do comportamento anti-social, e das perversões. Acredito que a teoria e a prática da psicoterapia psicanalítica enriquecem a técnica psicanalítica, e não adiluem, e que o desenvolvimento de técnicas alternativas que se originam de uma mesma teoria aumenta a habilidade e a agilidade clínicas. Acredito, também, que a ciência psicanalítica pode, de fato, desgastar-se pelas limitações às suas investigações científicas impostas pela estrutura das instituições psicanalíticas. Vejo a proliferação de modelos teóricos alternativos às relações de objeto britânicas, a psicologia do self, a abordagem hermenêutica, a análise interpessoal, a escola lacaniana menos como uma ameaça e mais como um encorajamento ao desenvolvimento psicanalítico, um enriquecimento potencial da teoria e da técnica,

e um estímulo à pesquisa. A sempre estéril discussão sobre se a psicanálise é ou não ciência, está sendo ultrapassada pela investigação científica inspirada pela teoria e conceitos psicanalíticos.

é geralmente aceito que a pesquisa em psicanálise não produziu resultados palpáveis. A natureza de nosso trabalho faz tanto do processo quanto do resultado, um estudo difícil. A questão de se a pesquisa empírica pode ser efetuada na própria situação psicanalítica e, conseqüentemente, considerar a metodologia psicanalítica de um modo restrito, é uma questão que deve ser respondida empírica e não filosoficamente. A pesquisa sobre a situação psicanalítica deveria incluir a pesquisa de como a investigação afeta a situação que está sendo estudada, e acredito que estamos fazendo progressos significativos em relação a isto. Mas a psicanálise em si é também um método de investigação do funcionamento humano, e a técnica psicanalítica por se talvez esteja muito na frente da pesquisa metodológica que poderia afetar significativamente sua própria técnica. Aqui, concordo, parcialmente, com a crítica tradicional da pesquisa empírica na situação psicanalítica. O desenvolvimento da pesquisa do funcionamento normal e patológico da personalidade está acontecendo muito lentamente, a ponto de não termos, até agora, atalhos na forma de investigar os aspectos verdadeiramente essenciais da situação psicanalítica, da transferência, da contratransferência, da reconstrução e da mudança psíquica. A lentidão de nossos progressos nestas áreas não justifica, contudo, o desânimo, nem uma rejeição a priori da possibilidade de tal pesquisa.

Acho que os maiores avanços científicos não serão feitos em institutos de psicanálise a menos que tenham alguma ligação com as universidades, por sua necessidade de um ambiente interdisciplinar. Não é, provavelmente, necessário que todos, ou mesmo a maioria dos candidatos psicanalistas, seja treinada no método de pesquisa, mas devemos encorajar aqueles com uma formação e um forte interesse pela pesquisa. É por esta razão que acho que a abertura dos institutos aos psicólogos é desejável e positiva, sempre tendo em mente, contudo, a importância do estabelecimento de critérios em relação às qualificações e interesses de todos os candidatos.

Muitos psicanalistas sabem muito pouco a respeito da pesquisa psicanalítica empírica; a fecundidade dos trabalhos em conjunto dos clínicos e pesquisadores em projetos de pesquisa não pode ser superestimada. Os institutos e as sociedades psicanalíticas devem se esforçar mais em unir clínicos e pesquisadores em dispositivos que desenvolvam seus trabalhos. Condutas especiais para pesquisadores de outras áreas que não se tornarão psicanalistas praticantes mas que usam a teoria psicanalítica em seus campos, já mostraram um aspecto do ensino psicanalítico altamente efetivo.

O medo das conseqüências da desmedicalização não corresponde à realidade já observada na Europa e, de alguma forma, na América Latina. A desmedicalização da psicanálise é e tem sido generalizada na França, onde a psicanálise conta, em geral, com um grande prestígio, tanto na cultura quanto como um método de tratamento. Na Alemanha, uma abertura parecida do ensino psicanalítico para candidatos não-médicos não impediu o desenvolvimento de departamentos de psicoterapia e de doenças psicossomáticas fortes psicanaliticamente orientados nas escolas de medicina; a forte presença da psicanálise médica e acadêmica se equipara a uma significativa proporção de analistas não médicos. Na Argentina, onde a psiquiatria tradicionalmente teve tendências orgânicas e descritivas, o interesse psicanalítico pelas doenças psicossomáticas e pelo desenvolvimento infantil abriu os departamentos de medicina e pediatria à psicanálise. Ao mesmo tempo, psicanalistas médicos se submetem ao treinamento psiquiátrico como um complemento ao psicanalítico.

O prestígio que a psicanálise tem na profissão médica, particularmente em relação à psiquiatria, depende mais da força das contribuições científicas feitas pela psicanálise, do que se o colaborador é um médico, psicólogo, neuroquímico ou sociólogo. Nas ciências básicas, psicólogos pesquisadores têm tanto prestígio quanto médicos pesquisadores nas melhores escolas médicas. Ao mesmo tempo, estou convencido de que uma forte e continuada presença nos departamentos de psiquiatria, forte elo com a psiquiatria institucionalizada, é um importante aspecto das atribuições dos institutos e sociedades psicanalíticas.

Multiplicidade de teorias

Como Cooper (1991) disse, a fertilização cruzada derivada de teorias alternativas é um importante ingrediente da investigação, pesquisa e desenvolvimento científicos. Penso que, por exemplo, a abordagem técnica da análise sistemática das defesas do caráter foi uma contribuição válida da psicologia do ego, que relaciono ao conceito de defesas primitivas e relações de objeto internalizadas derivadas das teorias britânicas e americanas das relações de objeto, no diagnóstico e tratamento de pacientes borderline e narcísicos. A teoria psicanalítica das relações de objeto também tem uma grande importância no desenvolvimento da compreensão psicanalítica da dinâmica do casal, de grupos regressivos, das organizações e da psicose. A psicologia do self enriqueceu significativamente nosso conhecimento sobre o narcisismo patológico; as teorias alternativas referentes à dinâmica e tratamento destas condições impostas pela psicologia do self, psicologia do ego e teoria das relações de objeto, pedem uma investigação empírica que vai além de uma discussão teórica.

A psicologia desenvolvimentalista de M. S. Mahler clarificou nossa compreensão das conseqüências estruturais da fixação nos vários estágios do desenvolvimento primeiro, e a abordagem de J. Lacan, apesar de sua problemática técnica, ajudou nos a focalizar as características dos conflitos edípicos arcaicos, e as contradições irreconciliáveis entre os aspectos adaptativos do funcionamento do eu, de um lado, e as vicissitudes do desejo inconsciente, de outro. As contribuições criativas da principal corrente psicanalítica francesa, parcialmente em resposta ao desafio lacaniano, ainda precisam ser completamente absorvidas pela comunidade psicanalítica em geral. Paradoxalmente, a atenção de Lacan no elo entre o inconsciente e a linguagem fortaleceu a busca da natureza da realidade psíquica pré lingüística em alguns de seus antigos seguidores (Aulagnier, 1975), enquanto a exploração da relação entre o desenvolvimento da linguagem e a inter subjetividade primeira neste país estabeleceu conexões inéditas com a filosofia contemporânea. Da mesma forma, o estudo psicanalítico das psicoses deve muito à psicanálise interpessoal de H. S. Sullivan.

Não que eu acredite que todas essas teorias possam ser combinadas tornando se uma única. Mas, acredito realmente, que as implicações destas teorias para a psicanálise são importantes, e que o resultado de permanecermos abertos a elas será um movimento ascendente do conhecimento científico. Há, sem dúvida, modas psicanalíticas, e combinações fáceis de teorias incompatíveis podem ser tanto tranquilizadoras quanto prejudiciais. Como evitar um fechamento prematuro e manter o diálogo aberto é um desafio excitante para os psicanalistas formadores. Limitar a supervisão dos candidatos à psicanálise a uma abordagem teórica, quando há várias delas válidas, tem um efeito empobrecedor. As instituições psicanalíticas devem se defender contra o "terrorismo intelectual" que pode resultar do proselitismo carismático de qualquer abordagem nova.

Freud continuaria a ser uma presença tão forte no ensino e no discurso psicanalíticos como foi até agora? é interessante que a batalha lacaniana clame por um "Retorno a Freud", similar ao dos contemporâneos de Freud neste país, e à reação contra o pensamento kleiniano tradicional em algumas sociedades psicanalíticas latino americanas. Esta reivindicação, parece-me, é apenas parcialmente política. De alguma forma, corresponde a um esforço genuíno para uma releitura atual de Freud. Tal

releitura tem valor histórico e implicações heurísticas para os leitores de língua inglesa porque significa a perda de adesão a uma leitura particular de Freud, como a da Standard Edition. Sempre há o perigo, logicamente, da transformação da leitura de Freud em uma leitura da Bíblia um exercício mais religioso que científico.

Tratamento psicanalítico

Há tendências convergentes na técnica do tratamento psicanalítico que refletem o desenvolvimento em várias teorias já citadas anteriormente. O conceito de "terreno comum" de Wallerstein (1990) tem aqui um apoio empírico, talvez não no sentido de uma teoria clínica comum, mas na evolução em direção à comunidade da técnica, algumas vezes quase que a despeito das diferentes teorias subjacentes.

Em primeiro lugar, há uma tendência geral para a interpretação primária da transferência, e uma atenção crescente na análise da transferência em todas as abordagens psicanalíticas exceto, talvez, na lacanianiana. A grade ênfase colocada sobre a transferência está levando a técnica da psicologia do ego, por exemplo, a ficar mais próxima da teoria das relações de objeto. Parece haver uma ênfase menor nos sonhos, na recuperação das lembranças concretas, na realidade externa, e uma maior tanto na análise precoce quanto sistemática das significações inconscientes dos desenvolvimentos da transferência.

Há, também, um movimento de enfatização da análise das defesas do caráter em lugar da análise de significados inconscientes de sintomas específicos, experiências ou lembranças. Aqui, é como se a técnica kleiniana se movesse em direção à psicologia do ego. O fato de que a patologia do caráter e os distúrbios graves da personalidade estejam se tornando indicações cada vez mais importantes nos tratamentos psicanalíticos pode estar contribuindo para esta tendência. Mas há, também, uma progressiva conscientização de que a análise dos conteúdos verbais, que evitam as estruturas de caráter, sempre conduzem à intelectualização e ao pseudo insight.

Além disso, há uma ênfase, cada vez maior, no "aqui agora" dos significados inconscientes como uma pré condição crucial para a análise significativa de "um outro tempo e lugar" que Sandler e Sandler (1987) descreveram como o "inconsciente presente" e o "inconsciente passado". Esta tendência, obviamente, está ligada ao aumento do interesse na análise dos significados inconscientes da transferência. Neste sentido, parece que estamos indo em direção a um conceito mais abrangente de contratransferência. A contratransferência como um fator significativo para a exploração interna do analista como um estágio preparatório para a interpretação da transferência, e a consideração de elos íntimos entre o desenvolvimento da transferência e contratransferência caracterizam as teorias das relações de objeto, psicologia do ego, psicologia do self e análise interpessoal.

Vejo, também, uma preocupação crescente com a "doutrinação" do paciente pelas teorias do analista, e com a conscientização de que os pacientes, como parte do desenvolvimento transferencial, tendem a falar na língua do analista, o que favorece reconstruções intelectualizadas do passado enquanto alimenta resistências no caráter. Nesse sentido há uma tendência geral a uma interpretação mais cuidadosa dos antecedentes genéticos, uma tendência particularmente dramática no distanciamento que a escola kleiniana toma da interpretação das determinantes supostamente precoces dos conflitos intrapsíquicos.

Os conceitos lineares de desenvolvimento a seqüência linear do oral ao anal, ao genital e ao conflito edípico, em oposição às seqüências altamente individuais das estruturas edípicas e pré edípicas condensadas são questionadas cada vez mais; sendo assim, a análise dos paradigmas da transferência opera com oscilação entre a análise das estruturas altamente condensadas incorporando aspectos díspares do passado e análise de uma linha particular de desenvolvimento que emerge temporariamente nestas estruturas condensadas. Este desenvolvimento, talvez mais fortemente acentuado entre os lacanianos, mas característico também da psicanálise francesa não lacanianiana, enfoca, também, os aspectos estruturais e as conseqüências desenvolvimentais da edipização precoce, do édipo arcaico.

Desta maneira, há um consenso cada vez maior em relação à natureza diádica do desenvolvimento psíquico precoce em contraposição à aceitação tradicional de um período autístico, e uma atenção correspondente às implicações do desenvolvimento precoce para a estrutura psíquica e a técnica psicanalítica. Finalmente, há uma tendência em aplicar modificações mais estritas e precisas da técnica psicanalítica, uma tendência em questionar tradicionalmente sutil, ou não tão sutil, desvalorização das psicoterapias psicanalíticas que não chegam a ser o "ouro puro" da técnica psicanalítica clássica, e em temer menos que o desenvolvimento de tais inovações no método venham a prejudicar a "pureza" metodológica da psicanálise clássica.

Outros desenvolvimentos são mais controversos e podem refletir uma oscilação temporária do pêndulo da técnica psicanalítica. Primeiramente está a recolocação radical da reconstrução, da verdade e da causalidade históricas, pela construção dos novos "mitos" narrativos. Em segundo lugar, está a priorização da "empatia" com as necessidades dos pacientes de manutenção da auto estima sobre a análise das transferências latentes negativas, e a consideração da contratransferência como simétrica à transferência. Sendo assim, a própria transferência é considerada como uma formação de compromisso que inclui a realidade do terapeuta.

Em terceiro lugar, trata-se do conluio inconsciente entre analistas e pacientes em relação às questões sociais, culturais e políticas, ideologias e lutas de poder. Aqui, a abordagem de alguns grupos psicanalíticos feministas e marxistas convergem, e se preocupam excessivamente pelas ideologias "escondidas", o que pode transformar o encontro analítico em um projeto político. Ao mesmo tempo, a evitação de saídas latentes ou patentes, incluindo a política psicanalítica, pode refletir um conluio inconsciente entre paciente e analista. Os esforços em reconhecer como estas ideologias escondidas afetam o processo psicanalítico podem enriquecê-lo.

Finalmente, temos a ênfase nos aspectos progredientes da relação psicanalítica, e ênfase na relação "real" entre paciente e terapeuta contrapondo-se à neutralidade técnica. O conceito de "experiência emocional corretiva" parece ter reaparecido.

O que me parece ter muita importância em relação às tendências gerais nos desenvolvimentos recentes da metodologia psicanalítica é que elas permitiram uma ampliação da efetividade do tratamento psicanalítico das patologias de caráter graves e expandiu o próprio campo das aplicações da psicanálise. A meu ver, há uma vantagem enorme em circunscrever uma técnica psicanalítica clássica como um método básico de investigação. As pesquisas sobre a modificação destas técnicas, suas indicações e efeitos, são aspectos importantes do desenvolvimento da psicanálise como uma ciência.

Formação psicanalítica

Como apontei em um trabalho anterior (1986), acredito que muitos de nossos institutos de psicanálise são caracterizados mais pela atmosfera de doutrinação do que por exploração científica livre. Os candidatos são impedidos sistematicamente de saber como os responsáveis por sua formação conduzem seu trabalho analítico, o que os leva a uma idealização irrealista de como é a técnica psicanalítica deles. O pesado investimento no analista formador contribui, em contrapartida, para uma atmosfera paranóica que está sempre presente nos institutos de psicanálise. O preço destas condições é a diminuição do pensamento criativo e da produtividade científica em todos os níveis. Propus que a causa imediata destas condições repousa na discrepância entre a tarefa essencial dos institutos de psicanálise e sua estrutura organizacional. Frequentemente enquanto psicanalistas formadores acham que estão transmitindo o que é, ao mesmo tempo, arte e ciência, eles estruturam os institutos para corresponderem mais a uma escola técnica com traços de um seminário religioso. Um modelo administrativo combinando as características de uma escola de arte (Arts College) e de uma universidade, ao contrário, estaria mais próximo de atingir os objetivos explícitos da formação psicanalítica e reduzir as condições descritas.

A cisão automática dos institutos de psicanálise em grupos sociais de candidatos e de analistas formadores, e as forças regressivas que operam nestes dois grupos fortalecem os processos de idealização e um ambiente persecutório, que poderiam ser reduzidos por uma estrutura organizacional perfeitamente adaptada às tarefas institucionais. Um problema essencial é a idealização dos analistas formadores a confusão do analista tecnicamente neutro com o analista "anônimo", os efeitos do analista formador que "continua a se esconder" ao nível profissional, e as limitações para a análise da idealização do analista formador por parte do candidato analisando, derivada da sua identificação não analisada deste com seu analista formador enquanto um modelo profissional, um problema que Arlow (1972) e Roustang (1982) exploraram detalhadamente.

Gostaria de enfatizar que temos o conhecimento, a capacidade e a experiência para mudar a situação radicalmente, e que alguns institutos neste país, assim como no exterior, tomaram algumas providências (ver Kemberg, 1986). Aqui, resalto somente a necessidade de critérios mais objetivos e processos de tomada de decisão mais abertos para o progresso e graduação dos candidatos, para a escolha dos analistas formadores, para o controle e avaliação do currículo, e para a definição e monitoramento das estruturas administrativas do instituto. Acredito ser possível desenvolver estruturas administrativas mais funcionais para os institutos de psicanálise. Um requisito importante para a realização de tais modificações seria o estabelecimento de um fórum que congregue os diretores dos institutos. Estou propondo um fórum de formação auto-gerido, independente da Comissão que define os padrões profissionais, e liberado dos processos políticos que relacionam o controle local ao central. A não existência de tal estrutura de acompanhamento pode ser, ela mesma, considerada uma ilustração de nossas dificuldades presentes. Um produto de tal fórum poderia, entre outras coisas, fortalecer as contribuições dos institutos à eficácia de seus delegados na Comissão que define os padrões profissionais.

Raramente abordados nos trabalhos do Quarterly, mas objeto de grandes discussões em outros lugares, é o crescimento da impaciência dos formadores em psicanálise com relação à passividade dos institutos de psicanálise, consequência de sua sujeição aos modelos organizacionais tipo ligados à regulamentação estabelecida pelas Comissões de controle dos padrões profissionais. A Comissão manteve, inquestionavelmente, um alto nível de padrões de treinamento para a Associação Psicanalítica Americana. Isto foi, ao mesmo tempo, menos acolhedor às abordagens e inovações teóricas alternativas na formação em psicanálise.

Neste sentido, penso ser de importância crucial aumentar a liberdade individual dos institutos de psicanálise para que façam experiências na formação, e útil para reexaminar as funções organizacionais e o controle centralizado exercido pela Comissão de controle dos padrões profissionais. Como manter padrões de formação e ao mesmo tempo favorecer a inovação na formação é um dos nossos maiores desafios.

Este problema está ligado com a habilitação dos psicanalistas. A longo prazo, acredito que um processo de habilitação conduzido por uma agência independente, estabelecido e funcionando de uma maneira que assegure a confiança e a credibilidade da comunidade psicanalítica de uma maneira geral, e que seja independente de uma política particular e das linhas teóricas, pode servir ao duplo propósito de assegurar padrões e encorajar a formação psicanalítica. Pode até mesmo permitir, sob um mesmo guarda-chuva, diferentes grupos psicanalíticos e apresentar extrema necessidade de uma abordagem em comum para a credibilidade da psicanálise enquanto profissão. Enquanto a credibilidade aparecer ligada ao controle político centralizado, ela continuará inibindo a criatividade dos institutos de psicanálise.

Considerando que o modelo de escola de arte implica no aprendizado de uma estrutura básica e depois no acréscimo da criatividade pessoal nesta estrutura, e o modelo da universidade implica no aprendizado de métodos padrões de investigação para a aquisição de conhecimentos novos, é importante que os institutos psicanalíticos vejam como sua tarefa de criação de tal conhecimento mais do que sua simples transmissão. Os candidatos, tanto quanto os professores, devem ser encorajados, e gratificados, a contribuir para o desenvolvimento da psicanálise enquanto ciência. Os seminários psicanalíticos deveriam estimular e incentivar o desenvolvimento de novas idéias. Esta atmosfera, mais do que qualquer outra coisa, atrairia tanto residentes psiquiátricos quanto psicólogos clínicos com orientação acadêmica para os institutos de psicanálise. O ensino da teoria da técnica de psicoterapia psicanalítica e da psicanálise aplicada em outros campos da empresa terapêutica também enriqueceriam a psiquiatria, em contraposição à tendência anti-analítica de hoje e dos currículos por demais extensos dos departamentos de psiquiatria que nitidamente limitam o treinamento psicodinâmico e psicoterapêutico. Psiquiatras e psicólogos em formação irão onde existir ação.

A profissão

Acho que tanto a formação em psicoterapias psicanalíticas, quanto a psicanálise clássica reforçam mais do que enfraquecem a identidade do psicanalista. Na falta desta formação, o analista está pobremente equipado para tratar pacientes para quem a psicanálise não é indicada, como foi evidenciado pelo número de impasses que apareceram em muitas práticas. A psicoterapia psicanalítica era usada como segunda opção de tratamento. A auto-estima do analista se achava diminuída se praticasse outro tratamento que não fosse a psicanálise. Uma concepção integrada de um amplo espectro de tratamentos, saídos da teoria psicanalítica iria, na minha opinião, tanto ajustar o método quanto reforçar a identidade do psicanalista. Além disso, experiência com formas modificadas de tratamento com pacientes muito regredidos, crianças, casais e grupos lançam luz a aspectos do funcionamento primitivo, ajudando o tratamento pela psicanálise de pacientes menos regredidos. Na verdade, pode acontecer que ao trabalhar exclusivamente com pacientes mais saudáveis, para quem a psicanálise clássica sempre é o tratamento indicado, o psicanalista veja diminuída sua consciência da dinâmica inconsciente. Não é somente pelo efeito corruptor do exercício de poder que é sábio restringir o número de candidatos que um analista formador pode ter. Terem tratamento, exclusivamente, ou na sua maioria, candidatos pode também ter efeitos deletérios e algumas vezes perversos no analista formador.

Defendo a multiplicidade de técnicas sob de a égide alguma trama teórica. Isto capacitaria o psicanalista a conduzir atividades correlatas que o fariam relativamente imune à diminuição potencial, ou real, do número de pacientes para a psicanálise clássica. A redução dos reembolsos pelo tratamento médico, um processo que reflete uma necessidade social mais ampla por cuidado médico racional e que afeta todo o mundo ocidental, assim como as antigas sociedades comunistas, permanecerá conosco por muito tempo. Em virtude da expectativa de vida ter aumentado e, sem dúvida, ela aumentará ainda mais, a demanda por mais dinheiro para a saúde também vai crescer. A psicanálise não será, provavelmente a curto prazo, uma prioridade, e as pressões financeiras sobre a psicanálise e os psicanalistas no mundo ocidental continuarão a aumentar.

Junto com minha sugestão de que seja estabelecido um fórum para os diretores de nossos institutos, proponho um encontro auto-gerido, autônomo, dos presidentes de nossas sociedades componentes para discutirem livre e conjuntamente as várias questões de preocupação em comum. Os rudimentos de tal estrutura já estão presentes. Há uma necessidade de troca de informações que não seja perturbada por considerações políticas inevitáveis que são um aspecto necessário do processamento das preocupações profissionais pelos nossos canais organizacionais ordinários. Os presidentes de nossas sociedades componentes irão, desta forma, adquirir não somente uma visão nacional mais ampla das soluções que lhes dizem respeito, como também terão um maior senso de autonomia. Enfatizando minha sugestão para esta revisão organizacional está a idéia de que, quando são dadas as oportunidades aos líderes para exercitarem a autoridade e a responsabilidade, eles responderão sendo ativos e responsáveis; mas quando a responsabilidade e a autoridade estão centralizadas e "no alto", o resultado é passividade e falta de responsabilidade ao nível local.

A ampliação das atividades profissionais da psicanálise, assim como o aumento do impacto da ciência psicanalítica na psicologia e na psiquiatria, serão fatores compensatórios importantes, assegurando a inserção social e a viabilidade da profissão em complemento às demandas de psicanálise por parte do segmento da população que goza de uma relativa independência financeira e que tem uma perspectiva cultural dos potenciais do tratamento psicanalítico. Pode ser que, alongo prazo, o estabelecimento de um processo de habilitação verdadeiramente independente e socialmente sancionado regule nossa profissão e traga com isso uma maior harmonia em relação aos nossos recursos para a formação e a real demanda por tratamento psicanalítico. Atualmente, o completo caos com relação à regulação do trabalho psicoterapêutico, e o isolamento social da psicanálise como uma profissão, contribuem para a sujeição dos praticantes a uma pressão financeira. Sabemos, obviamente, de acordo com o levantamento de Shapiro (1979) sobre os praticantes em psicanálise, que existe uma discrepância significativa entre o que os psicanalistas realmente fazem e a imagem da própria profissão.

A dimensão internacional

Há tantos problemas comuns quanto diferenças significativas entre as preocupações dos psicanalistas deste país e do Canadá, de um lado, e da América Latina e da Europa, de outro. Nossas preocupações financeiras, nossas relações com as universidades, nossa preocupação com a proliferação de terapeutas não formados, e a intrusão de um "terceiro pagante" são comuns tanto para este país quanto para a Europa.

A solução da desmedicalização, a deteriorização dos elos anteriormente fortes com os departamentos de psiquiatria, a diminuição do interesse na, e do prestígio da psicanálise, a diminuição dos candidatos médicos para a formação psicanalítica, e o desencanto com a psicanálise organizada e com os institutos de psicanálise, em particular, tem mais a ver com este país do que com a Europa e a América Latina. Lá, um impacto cultural forte da psicanálise, a falta de preocupação com relação à participação conjunta de analistas não médicos e analistas médicos nas organizações psicanalíticas, e uma natureza mais aberta e flexível da formação psicanalítica levam ao fortalecimento da dedicação, entusiasmo e criatividade na psicanálise.

Comparando a relativa estagnação da psicanálise nos Estados Unidos com o forte desenvolvimento na Europa e na América Latina, tentamos nos consolar dizendo que seus critérios são insuficientes, que o que estão fazendo não é a verdadeira psicanálise, e que estão simplesmente passando por uma fase que a psicanálise americana experimentou nos anos 50 e 60. Tais idéias, creio, são mais apaziguadoras que reais. O aumento da criatividade psicanalítica e da produtividade intelectual, e as contribuições em outros campos, realizadas na Europa e na América Latina, são relativamente desconhecidos para nós em razão de uma barreira lingüística "protetora". Meus esforços pessoais em obter a tradução de algumas contribuições significativas do exterior têm sido freqüentemente frustrados pela crença dos editores de que autores estrangeiros relativamente desconhecidos não "venderão" aqui. Penso que a psicanálise em vários lugares do mundo ocidental necessita de uma contribuição mútua. Os aspectos positivos dos altos critérios de formação neste país são potencialmente úteis para os institutos do exterior; e a organização inovadora de alguns institutos de psicanálise na Europa e na América Latina são importantes para nós. A força da pesquisa empírica desenvolvida neste país e na Europa é importante para a América Latina; suas contribuições na psicanálise aplicada e na cultura são importantes para nós. Acima de tudo, creio, temos tarefa importante de reexaminar e modificar nossas estruturas organizacionais a serviço da psicanálise enquanto ciência.

Summary

The current status of psychoanalysis

Presented here is an overview of current challenges and controversies regarding psychoanalysis as a science, competing psychoanalytic theories, convergent and divergent trends in psychoanalytic technique, psychoanalytic education, psychoanalysis as a profession. Among other issues stressed are the importance of the relation of psychoanalysis to the University, the research implications of competing theoretical and technical orientations, the need to reexamine the structure of psychoanalytic education, and the importance of international cross fertilization in expanding the application of psychoanalysis to other fields.

Referências

- ARLOW, J. A. (1972). Some dilemmas in psychoanalytic education. In Amer. Psychoanal. Assn., 20: 556 566.
& BRENNER, C. (1988). The future of psychoanalysis. Psychoanal. Q., 57: 1 14.
AULAGNIER, P. C. (1975). La violence de l'interprétation. Paris: Presses Univ. France.
COOPER, A. M. (1990). The future of psychoanalysis: challenges and opportunities. In Psychoanal. Q., 59:177 196.
(1991). Psychoanalysis: the past decade. Psychoanal. Inq., 11: 107 122.
KERNBERG, O. F. (1986). Institutional problems of psychoanalytic education. In J. Amer. Psychoanal. Assn., 34: 799 834.
MICHELS, R. (1988). The future of psychoanalysis. Psychoanal. Q., 57: 167 185.
ORGEL, S. (1990). The future of psychoanalysis. Psychoanal. Q., 59: 1 20.
RANGELL, L. (1988). The future of psychoanalysis: the scientific crossroads. Psychoanal. Q., 57: 313 340.

REISER, M. (1989). The future of psychoanalysis in academic psychiatry: plain talk. *Psychoanal. Q.*, 58: 185-209.
RICHARDS, A. D. (1990). The future of psychoanalysis: the past, present, and future of psychoanalytic theory. *Psychoanal. Q.*, 59: 347-369.
ROUSTANG, F. (1982). *Dire Mastery: Discipleship from Freud to Lacan*. Baltimore, MD, Johns Hopkins Univ. Press.
SANDLER, J. & SANDLER, A. M. (1987). The past unconscious the present unconscious and the vicissitudes of guilt. *Int. J. Psychoanal.*, 68: 331-341.
SHAPIRO, D. (1979). *Survey of Practice*. New York, The American Psychoanalytic Association.
SPRUIELL, V. (1989). The future of psychoanalysis. *Psychoanal. Q.*, 58: 1-28.
WALLERSTEIN, R. S. (1990). Psychoanalysis: the common ground. *Int. J. Psychoanal.*, 71: 320.
& WEINSHEL, E. M. (1989). The future of psychoanalysis. *Psychoanal. Q.*, 58: 341-373.

Tradução de **Monica M. Seincman**

Revisão técnica de **Luiz A. Ortiz Martins**

© Gentilmente cedido pelo autor para publicação na Revista de Psicanálise SPPA

* Este texto foi apresentado no encontro do quadragésimo aniversário de Fundação do Instituto Psicanalítico da Califórnia, Los Angeles, 17 de novembro de 1990, e no encontro anual da Associação Psicanalítica Americana, Nova Orleans, 11 de maio de 1991. Aceito para publicação em 5 de novembro de 1991. O artigo foi originalmente publicado no *Journal of the American Psychoanalytic Association*, vol. 42, nº 1, 1993. Este artigo foi já publicado no *Boletim de Novidades da Livraria Pulsional*, ano VI I, nº 59, março 1994.

** Membro da Associação Psicanalítica Americana.

1. Veja Arlow e Brenner (1988), Michels (1988), Rangell (1988), Spruiell (1989), Reiser (1989), Wallerstein e Weinschel (1989), Orgel (1990), Cooper (1990) e Richards (1990).

[| Voltar ao Topo |](#)

[| Voltar ao Sumário |](#)